



USTASHE, PARTISANS E CHETNIKS: A VIOLÊNCIA EM PAUTA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4127

Leonardo Pires da Silva Belançon, UEM
João Fábio Bertonha, UEM

Resumo

Em 1929, na Croácia, foi fundado a Ustasha (transliteração do termo em servo-croata *Ustaša*), grupo nacionalista de extrema-direita, que foi colocado no poder do Estado Independente da Croácia, em 1941, pelas forças do Eixo. Inspirado na ideologia nazista tinha por objetivo o estabelecimento de uma Croácia “pura” do ponto de vista étnico, contudo, os croatas são de origem eslava e, portanto, inferiores aos olhos dos nazistas. Tal contradição fez com que os ideólogos ustashe elaborassem teorias acerca da etnia croata que melhorassem sua imagem perante os nazistas. Após o início da Segunda Guerra Mundial, na Iugoslávia, surgem os Partisans. Grupo de resistência à ocupação do Eixo, de orientação comunista, liderados pelo croata Josip Broz Tito. Com o apoio do Exército Vermelho, os partisans venceram as forças do Eixo, entre 1944 e 1945, expulsando-os da Iugoslávia e se tornando uma das mais eficazes resistências europeias daquele período. Os Chetniks se organizaram no mesmo período que os Partisans e chegaram a atuar em conjunto, contudo, de orientação monarquista e nacionalista sérvia, divergiram dos partisans e romperam, fazendo com que alguns chetniks se aliassem às forças de ocupação com ofensivas contra a resistência dos partisans. Por meio deste trabalho, analisaremos brevemente as histórias desses grupos, como atuavam e os resultados desses enfrentamentos, tendo como fio condutor a violência, que é também o ponto de convergência desses grupos.

Palavras Chave:

violência; Iugoslávia;
Ustashe; Partisans;
Chetniks.

Ustashe

Em 1918, foi estabelecido nos Bálcãs, sudeste da Europa, o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, também chamado de Reino da Iugoslávia. Monarquia comandada pela dinastia sérvia dos Karadjodjievic, o reino anexou grande parte dos territórios da Eslovênia e da Croácia, além da Bósnia, Sérvia, Montenegro, Kosovo e Macedônia, submetendo todas essas populações ao comando sérvio. Considerando que ao longo de sua história a região foi palco de diversos conflitos entre aquelas populações, não tardou para que, após a instituição do poder sérvio, surgissem movimentações de cunho nacionalista, e nessa atmosfera, em 1929, surgiu a Ustasha¹. Organização nacionalista croata, fundada na Itália por Ante Pavelic, então no exílio, surgiu com o objetivo de lutar pela emancipação e independência da Croácia. Com o apoio das lideranças católicas na região, os ustashe defendiam o estabelecimento de uma Croácia “pura” etnicamente, o que dava à organização o tom chauvinista e xenofóbico que se intensificou ao longo do tempo. Durante seu período de atuação, seus principais alvos eram os sérvios, ciganos e comunistas. Na década de 1930, inspirada no nazismo alemão e no fascismo italiano, a Ustasha assume também o caráter antissemita característico, sobretudo, no regime de Adolf Hitler.

Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, as forças do Eixo invadem a Iugoslávia, destituem o rei Pedro II e assumem o poder sobre o território. Com o desmembramento do território, os nazistas instituem o Estado Independente da Croácia – que foi um estado fantoche nazista – colocando no poder o fundador e líder dos ustashe, Ante Pavelic. Segundo Irina Ognyanova (2000), Pavelic recebeu a alcunha de *Poglavnik*, que

seria o equivalente ao *Führer* alemão ou ao *Duce* italiano. Cox (2007) aponta que Mussolini e Hitler apoiaram Pavelic por nutrirem interesses em relação ao território iugoslavo. A Itália tinha por objetivo anexar a Dalmácia a seu território, enquanto a Alemanha tinha interesses na região da Bósnia, rica em minerais. Quando Pavelic chegou ao poder, amparado pela Alemanha e pela Itália, tratou de colocar em curso seu projeto nacionalista de limpeza étnica, perseguindo a população que não estivesse dentro dos parâmetros para uma Croácia pura. Durante seu governo, foram estabelecidos campos de concentração como os que estavam em funcionamento nos territórios ocupados pelos nazistas. O mais conhecido foi o de Jasenovac onde, segundo estimativas, foram mortas mais de 100 mil pessoas (KURAPOVNA, 2010). A política violenta de Pavelic fez com que, a partir de 1941, diversas ofensivas fossem empenhadas em território croata e bósnio, com a invasão de cidades e vilas e o massacre da população sérvia, cigana, judia e quaisquer grupos “impuros”. Houve algum abrandamento com relação aos bósnios, porque para os ustashe, esses eram croatas muçulmanos (BELLAMY, 2003).

Para legitimar a postura dos ustashe em relação à pureza racial croata, seguindo um viés próximo ao modelo nazista, foi necessário que se criasse uma narrativa com arcabouço teórico que justificasse a superioridade da “raça croata”. Desta forma, Bartulin (2014) aponta que os intelectuais croatas afirmavam que aquele grupo tinha origens góticas, distanciando-os dos eslavos “tradicionais”, como russos e sérvios. O autor comenta a “sub-raça” germânica, teorizada pelo eugenista nazista Hans F.K. Günther, chamada de nórdico-dinárico, que seria uma hibridização entre os nórdicos, considerados mais fortes e

¹ Em servo-croata, Ustasha é singular e Ustashe é plural, logo, os membros da Ustasha são os ustashe.

superiores racialmente, e os dináricos, surgidos na região de uma cordilheira que dá nome ao grupo (Alpes Dináricos) e que corta, entre outros países, a própria Croácia, portanto, seria o grupo étnico que deu origem aos croatas. Na pirâmide racial, esse grupo estaria no mesmo patamar que os estonianos e lituanos, portanto superiores aos eslavos, o que conferia superioridade e justificava seu objetivo de uma nação pura.

As ações de Pavelic em sua empreitada por limpeza étnica incluíram não só o massacre físico da população, assassinatos, perseguições, envio de milhares de pessoas a campos de concentração e outras diversas ações violentas contra a população que se desejava exterminar, sobretudo os sérvios. Segundo Cox (2007), até o próprio Hitler teria se surpreendido com as atitudes de Pavelic. O massacre e a destruição desses grupos também apresentava seu âmbito cultural e uma das ações do governo de Pavelic foi a criação de um órgão do Estado responsável por expurgar do idioma croata as palavras de origem turca e russa, banir o alfabeto cirílico e tornar o idioma croata mais puro e impor sua universalização. Para o líder ustasha, embora o sérvio e o croata fossem idiomas muito próximos, o idioma croata também tinha seu tom superior sobre o sérvio, era mais moderno, menos “balcânico” e, já que a “raça croata” era superiora, nada mais natural que seu idioma ser o único oficial. (COX, 2007).

Não só a invasão nazista como também o governo ustasha, violento e autoritário, motivaram o surgimento de movimentos de resistência por toda a Iugoslávia, entre eles os mais expressivos foram os Partisans e os Chetniks.

Partisans

Quando a invasão das potências do Eixo à Iugoslávia se iniciou, o Partido Comunista Iugoslavo (PCI) logo tratou de organizar um comitê militar e convocar a população a combater os invasores para

garantir a liberdade e independência do país. Uma reunião em Zagreb, capital da Croácia, em maio de 1941, tratou das questões organizacionais do movimento e a principal decisão tomada foi a de angariar a cooperação e apoio de qualquer força política e social disposta a participar de uma luta intensa pela libertação nacional (BAMBARA, 1988). O PCI agia conforme as instruções vindas da União Soviética, como era costume entre os partidos comunistas europeus, que na ocasião aconselhou a Iugoslávia a não provocar as forças alemãs, que até então eram aliadas à URSS. Os iugoslavos seguiram as instruções dos soviéticos até o momento em que a Alemanha invadiu a Iugoslávia, em meados de 1941, encontrando resistência dos partisans que agiram rapidamente diante da invasão.

O líder dos partisans era o comunista croata Josip Broz Tito, figura de grande importância durante a resistência partisan e na história da Iugoslávia no pós-Segunda Guerra. Em julho daquele ano, o comitê decidiu dar início à luta armada e, pouco tempo depois, convocou novamente a população a resistir à ocupação do Eixo, mas, desta vez, a partir da luta armada para combater a violência dos invasores e de seus colaboradores internos, os ustashe. Tito demonstrou grande destreza e notável qualidade de liderança militar ao organizar uma das resistências mais eficientes na Europa, naquele período. Cercado de oficiais disciplinados e fieis, e graças a seu carisma pessoal e sua autoridade, soube manter a liderança da resistência comunista e uma estrutura militar muito organizada (VUKSIC, 2003). O PCI soube promover uma política eficaz que fazia apelo à união de toda a população iugoslava, independente da etnia/nação, para defender a liberdade do país contra a brutal ocupação dos invasores, o que de fato fez com que o movimento partisan tivesse adesão de boa parte da população. Os comunistas ainda afirmavam que a Iugoslávia precisava de uma renovação econômica e social para sair da caótica

situação em que se encontrava em 1941.

De acordo com Jelusic (2015), a retórica partisan assumiu uma postura revolucionária e proselitista ao longo do conflito. Com a eficácia de sua ação contra a invasão do Eixo e seus aliados, o grupo articulou sua propaganda no intuito de angariar apoio e legitimidade da população iugoslava. Em determinado momento, os partisans passaram a se apresentar como a melhor organização a repelir os invasores, uma vez que, de fato, atingiram grandes feitos em sua resistência à ocupação das forças do Eixo, o que teve grande importância para a história e para o moral da população iugoslava. A postura unitária dos partisans conquistou grande parte das populações iugoslavas e estimulou uma atmosfera de cooperação mútua entre as nacionalidades, dando a eles a reputação de guerreiros da liberdade. Por volta de 1943, até mesmo o rei Pedro II reconhecia os partisans como defensores da Iugoslávia e ordenou que seus leais chetniks os apoiassem – apoio dado apenas por parte dos chetniks (JELUSIC, 2015).

Os partisans tinham por objetivo não apenas a expulsão dos invasores da Iugoslávia, mas, obviamente, também tinham ambições de conquistarem o governo do país. Ainda em 1943, os partisans se reuniram em Jajce, na Bósnia, para discutir suas próximas ações e ali estabeleceram um governo provisório, dando origem à República Federal da Iugoslávia, baseada no direito de autodeterminação dos povos que ali viviam (JELUSIC, 2015). Em 1944, o Exército Vermelho de Stalin, entrou na Iugoslávia ajudando os partisans a libertarem Belgrado, na Sérvia, da ocupação do Eixo e na sequência continuaram a libertação do território até chegar à Eslovênia. Em 1945, Tito já era o líder “natural” da Iugoslávia e a Assembleia Constituinte estabelecida naquele ano decidiu pela abolição da monarquia sob o comando de Pedro Karadjordjevic, e foi criada a República

Federal Popular da Iugoslávia (JESULIC, 2015).

Chetniks

O uso do termo “chetnik” remonta ao período da dominação otomana em que surgiram grupos paramilitares nacionalistas sérvios, como resistência àquela dominação. Foi também usado por algumas formações paramilitares nacionalistas sérvias nas guerras nos Bálcãs, antes da Primeira Guerra Mundial. Nos conflitos que se desenvolveram após esse período, muitas unidades militares e paramilitares sérvias se autodenominaram “chetniks”. Os croatas e bósnios passaram a utilizar a palavra para se referir a qualquer unidade sérvia, fosse de caráter regular ou paramilitar (RAMET, 2006).

No período da invasão do Eixo, na Segunda Guerra Mundial, os chetniks surgiram como grupo de resistência monarquista e nacionalista em apoio ao monarca exilado, Pedro II. A composição durante esse período de ocupação foi fundada pelo general Draza Mihajlovic e tinha entre seus membros, além dos sérvios, os montenegrinos e pequenos grupos de croatas, bósnios e eslovenos. Sua postura durante o período da invasão foi bastante volúvel, tendo causado divisões em sua estrutura dispersando os chetniks. A priori o grupo atuava paralelamente aos partisans com o objetivo comum de expulsar os invasores e, no caso dos chetniks, reestabelecer a monarquia sérvia que havia sido condenada ao exílio quando da ocupação do Eixo (ROBERTS, 1987). A posteriori, os interesses entraram em conflito e chetniks e partisans passaram a se enfrentar. Foi então que os chetniks receberam armas e apoio total por parte dos nazistas em sua luta contra os guerrilheiros comunistas. Eles exerceram a limpeza étnica contra os muçulmanos bósnios, na parte oriental da Bósnia-Herzegovina e trabalharam com os ustashe em diversas batalhas. Contudo,

parte do grupo acabou por apoiar os comunistas partisans e pequenas frações se tornaram grupos de resistência autônomos e menos expressivos (RAMET, 2006).

Em 1945, enquanto o vitorioso exército iugoslavo tomava posse do território, os chetniks retiraram-se para a Itália e um pequeno grupo foi para a Áustria. Muitos foram capturados pelos partisans ou devolvidos à Iugoslávia por forças britânicas. Outros foram julgados por traição com penas de prisão ou de morte. Não houve execuções sumárias, especialmente nos primeiros meses após o fim da guerra. Em 1946, as últimas unidades de Chetniks sob o comando de Draza Mihajlovic foram capturadas na Bósnia. Foram julgados, condenados por traição e executados (ROBERTS, 1987).

Após a Segunda Guerra Mundial, os chetniks que escaparam e outros migrantes sérvios nacionalistas formaram associações nacionalistas em países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália e continuaram glorificando a ideologia e iconografia chetnik - o que era ilegal durante o período da Iugoslávia socialista - e apoiando a ideia de uma Grande Sérvia, à custa dos territórios da Bósnia-Herzegovina, Croácia e Montenegro, em um claro tom racial e étnico excludente (RAMET, 2006). No final da década de 1980, Slobodan Milosevic chegou ao poder na Sérvia e os chetniks foram reabilitados, embora não oficialmente. Acabava-se assim com a proibição de sua literatura e símbolos nacionalistas. Apareceram novos partidos de oposição defendendo abertamente o papel dos chetniks durante a II Guerra Mundial e afirmavam que a história oficial havia sido distorcida. Políticos como Vuk Draskovic e Vojislav Seselj organizaram unidades paramilitares que exigiam o uso da força por nacionalistas sérvios para resolver as tensões na Iugoslávia e em territórios habitados por sérvios do Kosovo e nas outras repúblicas iugoslavas ainda ligadas à Sérvia, nos conflitos da

década de 1990.

A violência em pauta

Durante a Segunda Guerra, o que se observou no Iugoslávia pode ser considerado uma guerra civil entre as milícias Ustasha, Partisan e Chetnik que acentuaram as divergências étnico-linguísticas, religiosas e políticas entre os povos da Iugoslávia. Instalou-se uma atmosfera de violência generalizada que produziu massacres contra populações de vilarejos e cidades inteiras numa campanha de limpeza étnica empregada, sobretudo pelo nacionalismo ustasha. Mas, não se pode isentar os outros grupos de suas responsabilidades pelo caos e pela violência empregada contra aqueles que divergiam de suas convicções. Enquanto os ustashe perseguiram os não-croatas, os chetniks massacravam croatas e bósnios, uma vez que parte destes apoiavam aqueles, e os partisans perseguiram os anti-comunistas e dissidentes da ideologia.

A instalação de campos de concentração na Iugoslávia trouxe a lume o caráter torpe da perseguição étnica, nacional e religiosa observada também em outros lugares da Europa da década de 1940. A escalada da violência deixou como resultado milhares de mortos por toda a Iugoslávia, produziu refugiados e, por meio das ofensivas sobre o território, não só destruiu parte da estrutura física do país, como prédios, casas, vilarejos, como também deixou um rastro de destruição cultural de todos aqueles que estivessem pelo caminho.

Uma marca desse cenário de guerra, assim como de vários outros na Segunda Guerra, foi a violência dos combates. Por vezes, registraram-se massacres contra civis realizados por todos os grupos beligerantes, conforme o relato trazido por Max Hastings: “Todas as aldeias no vale de Sutjeska [Sérvia] foram destruídas. Primeiro, a Ustasha incendiou as aldeias ortodoxas, e, depois, os chetniks queimaram as aldeias muçulmanas.” (p.487).

A análise que Sémelin (2009) faz da construção do “inimigo”, afirma que por meio de um discurso inicial sugere-se que determinado grupo seja o motivo do flagelo de uma nação. Pouco a pouco esse discurso se encorpa e encontra respaldo na população, de modo geral, fazendo com o que o “indesejável” seja facilmente identificado e rejeitado, aumentando a hostilidade e justificando a violência empregada contra esse grupo, por aqueles que incorporam o discurso. O ápice desse processo é quando a eliminação física desse grupo passa a ser apreendida como uma medida necessária para uma limpeza ou purificação da nação. Assim como os judeus foram estigmatizados na Alemanha nazista e considerados indesejados e passíveis de eliminação física, religiosa e cultural, os bósnios, sérvios, croatas, ciganos, e outros grupos que se tornaram indesejáveis sofreram o mesmo martírio.

Após os quatro anos de conflito na Iugoslávia, os partisanos prevaleceram e o saldo foi cerca de 1,2 milhão de pessoas mortas. Os partisanos contaram com o apoio dos Aliados, uma vez que estavam ligados à URSS pelo comunismo e esta esteve aliada ao Reino Unido, França e EUA. A liderança da Iugoslávia, como apresentado, foi entregue a Tito que, embora tenha exercido o poder de modo autoritário, mostrou seu carisma e grande habilidade política ao manter o regime socialista no país e por supostamente conseguir mantê-lo coeso abrandando os sentimentos nacionalistas ao longo de sua vida. A Iugoslávia voltou a ser palco de conflitos que tinham o caráter étnico e nacionalista na década de 1990, quase dez anos após a morte de Tito.

Referências

- BAMBARA, Gino. **La guerra di liberazione nazionale in Jugoslavia (1941-1943)**. Milano: Ugo Mursia Editore, 1988.
- BARTULIN, Novenko. **The racial idea in the Independent State of Croatia: origins and theory**. Brill: 2014.
- BELLAMY, Alex J. **The formation of croatian national identity: a centuries-old dream?**. Manchester: Manchester University Press, 2003.
- COX, John K. Ante Pavelic and the Ustasha State in Croatia. In: FISCHER, Bernd J. **Balkan strongmen: dictators and authoritarian rulers of Southeast Europe**. West Lafayette: Purdue University Press, 2007.
- HASTINGS, Max. **O mundo em guerra: 1939-1945**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- JELUSIC, Iva. **Making a partisan: founding narratives on the participation of women in the People's Liberation struggle in Yugoslavia**. Budapest, 2015. 106 f. Dissertation (European Master in Women's and Gender History). Central European University, 2015.
- KURAPOVNA, Marcia Christoff. **Shadows on the mountain: the Allies, the resistance and the rivalries that doomed WWII Yugoslavia**. Hoboken: John Wiley and sons, inc. 2010.
- OGNYANOVA, Irina. Nationalism and National Policy in Independent State of Croatia. In: ROGERS, D.; WHEELER, J.; ZAVACKA, M.; CASABIER, S. **Topics in Feminism, History and Philosophy**. Vienna: IWM, 2000.
- RAMET, Sabrina P. **The three Yugoslavias: State-building and legitimation, 1918-2005**. Washington: Woodrow Wilson Center Press, 2006.
- ROBERTS, Walter R. **Tito, Mihailovic, and the Allies**. Durham: Duke University Press, 1987.
- SÉMELIN, Jacques. **Purificar e destruir: o uso político dos massacres e dos genocídios**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- VUKSIC, Velimir. **Tito's partisan 1941-45**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.